



## Ciência do Léxico e Ciências do Léxico: uma proposta de sistematização dos estudos do léxico

### *Lexicon Science and Lexicon Sciences: A Proposal for Systematizing Lexical Studies*

Fernando Moreno da Silva

Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Jacarezinho, Paraná / Brasil

moreno@uenp.edu.br

<https://orcid.org/0000-0002-9273-9667>

**Resumo:** No Brasil, costuma-se empregar o termo Ciências do Léxico para se referir ao conjunto de disciplinas que se ocupam do estudo das unidades léxicas da língua: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Pensando numa adequação terminológica, surge uma questão conceitual: as ciências do léxico são de fato, do ponto de vista epistemológico, ciências? Com esse problema, apresenta-se uma proposta: sistematização dos estudos do léxico, estabelecendo, com base em Saviani (1980, 2007, 2010), uma diferença entre ciência do léxico e ciências do léxico. Para essa reflexão, toma-se a dialética como um método de construção de conhecimento, num movimento que vai da síncrese (heterogeneidade real) à síntese (homogeneidade possível) por meio da abstração.

**Palavras-chave:** ciências do léxico; lexicologia; lexicografia; terminologia; fraseologia.

**Abstract:** In Brazil, the term Lexicon Sciences is used to refer to the disciplines that study the lexical units of language: Lexicology, Lexicography and Terminology. When thinking about a terminological adequacy, there is a conceptual question: are the sciences of the lexicon in fact, from the epistemological point of view, sciences? With this problem, a proposal is presented: systematization of lexicon studies, establishing, based on Saviani (1980, 2007, 2010), a difference between lexicon science and lexicon sciences. For this reflection, dialectics is used as a method of knowledge construction, in a movement that goes from syneresis (real heterogeneity) to synthesis (possible homogeneity) through abstraction.

**Keywords:** lexicon sciences; lexicology; lexicography; terminology; phraseology.

Recebido em 23 de janeiro de 2023.

Aceito em 28 de agosto de 2023.

## 1 Introdução

“A linguagem é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores.”. Nessas palavras introdutórias dos “Prolegômenos...”, de Hjelmslev (1975, p. 1), de prolegômenos servem para mostrar o gigantesco desafio que é estudar a linguagem, nas suas diversas manifestações. Para entender esse conglomerado, de traços físicos, fisiológicos, psicológicos, lógicos, sociológicos, etc., compete à Linguística (estudo da língua e da linguagem), por meio de sua instrumentalização teórica e metodológica – enquanto ciência que gera conhecimento de forma metódica e racional –, a tarefa de transformar a realidade caótica e complexa da linguagem em realidade linguística sistematizada. Parafraseando Saviani (1982, p. 62), apenas com a mediação da Linguística podemos passar da síncrese (realidade caótica) à síntese (totalidade ordenada).

Dessa realidade caótica e complexa da língua, nossa tarefa aqui é tratar do léxico. Antes de apresentar definições, entendamos primeiro onde ele se situa. Numa visão estrutural – embora seja um atributo considerado hoje pouco glorificante, como observam Bertrand e Estay Stange (2014, p. 13) –, os estudos linguísticos, *grosso modo*, assentam nos seguintes níveis: sonoro (sons da língua), morfológico (partes constitutivas das palavras), lexical (palavras), sintático (junção das palavras), textual (textos como unidade) e discursivo (junção entre linguístico e extralinguístico), todos perpassados pelos caracteres semântico e pragmático.

O léxico é o nível em que figuram as palavras (termo popular) ou unidades lexicais (termo técnico), talvez a unidade mais conhecida e requisitada não só pela Linguística mas pelas ciências humanas. O léxico constitui o conjunto de todas as palavras de uma língua, incluindo unidades mono e polilexicais, itens gramaticais e lexicais. O léxico é uma rica totalidade de muitas determinações e relações, um campo que pressupõe todos os níveis linguísticos, todas intimidades entre língua e cultura; é o encontro da imanência com a transcendência, da língua com o discurso, do formal com o funcional. É “a testemunha de uma sociedade, de uma

época” (Matoré, 1953, p. 62, trad. nossa) e “a janela da língua para o mundo refletindo a história cultural e social do povo” (Bechara, 2011, p. 9). As disciplinas que dele se valem conseqüentemente se caracterizarão pela abrangência e pela complexidade, resvalando na História, na Sociologia, na Cultura, na Pedagogia, na Arquivologia, na Tradutologia.

Desse fenômeno ser, chamado “léxico”, que cresce e se transforma, sem sabermos ao certo seu tamanho – quinhentos mil? Um milhão? Na capa do dicionário analógico de Pessek (2010), aparece a expressão “mais de 800.000 vocábulos” –, sem se pretender progenitor mas tutor, estão o que convencionalmente é chamado as ciências do léxico: disciplinas que se ocupam do estudo das palavras.

Tradicionalmente, as ciências do léxico – ou, como disse Barbosa (2001, p. 26), as “ciências da palavra” – são formadas de três disciplinas: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia. Em linhas gerais, a Lexicologia investiga nas unidades lexicais vários fenômenos: unidades mono e polilexicais, formação de palavras, neologismos, empréstimos linguísticos, topônimos e antropônimos. A Lexicografia se preocupa com a produção de dicionário, glossário, etc. A Terminologia, por fim, estuda os termos empregados num domínio especializado. Por conta do avanço dos estudos das unidades fraseológicas, costuma-se atribuir à Fraseologia, em vez de subárea da Lexicologia (Klare, 1986, p. 355), a condição de disciplina independente. O mesmo ocorre com a Onomástica, dividida em Toponímia (estudo dos nomes próprios de lugar) e Antroponímia (dos nomes próprios de pessoa).

Neste último parágrafo, apresentando as ditas ciências do léxico, salta à vista um problema: as ciências do léxico são de fato ciências?

Essa parece ser uma questão de ordem conceitual: as ciências do léxico são de fato, do ponto de vista epistemológico, ciências? Ou, a exemplo da Medicina e do Direito (que se autointitulam ciências, mas se valem, respectivamente, da Biologia e da Sociologia, entre outras, para sua constituição), apropriam-se da cientificidade de outras ciências – como a Morfologia, se pensarmos no processo de lexicalização, equiparando unidade fraseológica à unidade semântico-morfológica (substantivo, adjetivo, etc.) – para descrição de seus objetos? Ou as ciências do léxico seriam apenas áreas, disciplinas ou projetos? Mais ainda, já que o léxico é um lugar de confluências, um terreno onde habitam as reflexões da morfologia, da semântica, da filologia, entre outras disciplinas linguísticas, poderíamos incluir todas essas disciplinas

entre as ciências do léxico? Diante de tantas questões, resta-nos saber se o estudo do léxico pode constituir uma ciência.

Ora, não podemos deixar de problematizar o problema<sup>1</sup>. Porque o problema não é simplesmente uma questão; se fosse, não haveria problema, pois de imediato a qualquer dúvida uma resposta efusiva seria lançada: “lógico que o estudo do léxico é uma ciência!”. Contudo os que rechaçam qualquer revide a essa hesitação afirmam, à uma, que o léxico é propriedade de todos, um terreno cosmopolita e mimético onde habitam diferenças e incongruências.

O problema acima posto, ou melhor, o pseudoproblema, infiltrado na questão aparentemente descabida, mas conscientizadora de uma situação necessária, é fenômeno ou manifestação que oculta a verdadeira essência do problema, a necessidade que objetivamente se impõe como ineludível: a adequação terminológica.

Resgatada a problematidade do problema, a necessidade de adequação terminológica, apresentamos nossa proposta: sistematização dos estudos do léxico, estabelecendo uma divisão entre ciência do léxico e ciências do léxico. Fundamentamos nossa proposta na diferença estabelecida por Saviani (1980, 2007, 2010) entre ciências da educação (Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Economia da Educação, etc.) e ciência da educação (Pedagogia).

Para Saviani, as chamadas ciências da educação são ciências já constituídas com objeto próprio, fora da educação, considerando em seu interior a educação sob o aspecto de seu próprio objeto e recortando, no conjunto do fenômeno da educação, a faceta que corresponde a esse aspecto. Assim, a educação é ponto de passagem: o ponto de partida e o ponto de chegada estão fora dela. A Sociologia da Educação, por exemplo, toma a educação como fato sociológico segundo as teorias sociológicas a partir das quais são mobilizadas as hipóteses explicativas do referido fato. O processo educativo é um campo para enriquecimento da teoria sociológica. A ciência da educação, no entanto, se constituiria na medida em que tomasse a educação, em sua totalidade, como seu objeto. A educação, enquanto ponto de partida e ponto de chegada, torna-se o centro das preocupações. Em vez de considerar a educação a partir de critérios psicológicos, sociológicos, econômicos, etc., são as contribuições das diferentes áreas que serão avaliadas a partir da problemática educacional.

---

<sup>1</sup> O conceito de problema aqui discutido é baseado em Saviani (1980, p. 18).

O mesmo raciocínio vale para os estudos do léxico. Nas ciências do léxico, o léxico é ponto de passagem. O ponto de partida e o ponto de chegada estão alhures. Isso significa que a Morfologia, a Semântica, a Linguística cognitiva... tomam a unidade lexical como fato filológico, morfológico, semântico, semiótico... O léxico é tomado como teste de hipóteses que, uma vez verificadas, redundarão no enriquecimento da Filologia, da Morfologia, da Semântica, da Semiótica... Nelas, o ponto de partida e o ponto de chegada estão fora do nível lexical. Na ciência do léxico propriamente dita, o léxico, enquanto ponto de partida e ponto de chegada, torna-se o centro das preocupações. Ao invés de se considerar o léxico a partir de critérios filológicos, morfológicos, semânticos, semióticos..., são as contribuições das diferentes áreas que serão tomadas a partir da problemática lexical.

Dessa maneira, considerando o significado morfológico do termo (Lexicologia [léxico + logia] = estudo do léxico), propomos o termo Lexicologia para denominar a ciência do léxico propriamente dita, abarcando Lexicografia, Terminologia, Terminografia, Fraseologia, Fraseografia, Onomástica e Neologia. E ciências do léxico, aquelas que mantêm, ainda que possuam objeto próprio, uma interface com o léxico: Sociolinguística, Fonologia, Morfologia, Semiótica...

Nesse posicionamento, valendo-se inclusive da epistemologia para conceituar ciência, pensamos na dialética como um método de construção de conhecimento, num movimento que vai, retomando Saviani (1982, p. 62), da síncrese (heterogeneidade real) à síntese (homogeneidade possível) por meio da abstração<sup>2</sup>. O que propomos é uma mudança de concepção em relação aos estudos do léxico e uma adequação terminológica: da tradição designativa tripartida de ciências (Lexicologia, Lexicografia e Terminologia) à ciência propriamente dita, pela mediação epistemológica. Não se trata de negar a cientificidade das ciências precitadas, mas de reconhecer pela reflexão filosófica (com o

---

<sup>2</sup> “Simplesmente estou querendo dizer que o movimento que vai da síncrese (“a visão caótica do todo”) à síntese (“uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas”) pela mediação da análise (“as abstrações e determinações mais simples”) constitui uma orientação segura tanto para o processo de descoberta de novos conhecimentos (o método científico) como para o processo de transmissão-assimilação de conhecimentos (o método de ensino).” (Saviani, 1982, p. 62).

conceito epistemológico de ciência) uma ciência com cientificidade, ou seja, da variedade à unidade.

## 2 Léxico

O léxico [“lex(e/i)-” = palavra + “-ico” sufixo: “relativo a palavras”] é o conjunto de unidades mono e polilexicais de uma língua: unidades simples, compostas e fraseológicas; siglas, abreviaturas e abreviações; unidades de valores gramatical e lexical. Para Henriques (2010, p. 101-2), faz parte do léxico “a totalidade das palavras, desde as preposições, conjunções ou interjeições, até os neologismos, regionalismos, passando pelas terminologias, pelas gírias, expressões idiomáticas e palavrões.”

Poderíamos pensar as unidades que integram o léxico da seguinte maneira:

Quadro 1 – unidades do léxico

UNIDADES LEXICAIS	
UNIDADES MONOLEXICAIS <sup>3</sup> (simples e compostas)	UNIDADES POLILEXICAIS (complexas)
“de” (simples de sentido gramatical)	“por que”
“ferro” (simples de sentido referencial/ lexical)	“que legal!”
“aguardente” (compostas por aglutinação)	“a partir de”
“motosserra” (composta por justaposição)	“dona de casa”
“guarda-roupa” (composta com hífen)	“ir desta para a melhor” (morrer)

Fonte: elaboração própria.

No léxico surgem, desaparecem e ressurgem unidades. O léxico é um sistema aberto, em permanente ampliação, de alta produtividade, complexo, dinâmico e inesgotável, “um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos.” (Biderman, 1978, p. 139). Eis a razão pela qual querer registrar todas as unidades num dicionário é uma quimera.

<sup>3</sup> Consideramos a composição uma unidade monolexical, seguindo o raciocínio de Welker (2004, p. 102): “Desse modo, lexemas compostos grafados com hífen não são itens polilexicais.”

Se o léxico desnuda a estrutura e o funcionamento da língua, as influências sócio-histórica-cultural-ideológicas de uma comunidade e o progresso de uma sociedade, isso faz dele um palco onde atuam várias perspectivas teórico-metodológicas: Sociolinguística, Linguística cognitiva, Semântica, Tradutologia, Linguística computacional, Morfologia, Pragmática, Filologia, Aquisição da linguagem, Ciência da informação, Etimologia. Ele abrange, portanto, uma miríade de possibilidades que podem ser aprofundadas para enfatizar peculiaridades. Essas possibilidades são os fenômenos lexicais. Para Saviani (1980, p. 20-1), o fenômeno é uma forma de manifestação do problema. O fenômeno, ao mesmo tempo que revela a essência, a esconde. Cabe aos estudos do léxico, então, captar a essência dos fenômenos.

E fenômenos há vários. Podemos descrever a história da sociedade pelo léxico, como fez Matoré (1953) na sua lexicologia social. Com a Lexicultura, termo proposto por Galisson (1987), a cultura do cotidiano no e pelo léxico. A complexidade das unidades polilexicais na tradução e no ensino (Fraseodidática). A Lexicografia Pedagógica e o uso do dicionário como instrumento de ensino. A relação entre vocabulários ativo e passivo. A competência lexical, que redundava nas dificuldades de leitura. Os valores semânticos (variação, sinonímia, hiponímia, hiperonímia, polissemia, etc.), os processos de formação de palavras e de empréstimos e a linguagem marginal dos tabuísmos e turpilóquios. Souza (2007), por exemplo, recolheu 5.092 ocorrências do vocabulário erótico-obscoeno dos órgãos sexuais masculino e feminino em português e italiano. Para o órgão sexual feminino identificou as formas: *bacorinha*, *bichana*, *boca-cabeluda*, *caixa-de-moleques*, *lambedeira*, *passarinha*, *parque-de-diversões* etc. (p. 98-9); para o órgão sexual masculino: *calvo*, *entre-pernas*, *escopeta*, *ferrão*, *mandrião*, *nabo*, *verga* etc. (p. 98-9). O registro de palavras e suas significações, etnônimos injuriosos, como o caso de *cigano*, definido pela edição 2001 do Houaiss como “aquele que trapaceia; velhaco, burlador”. Apontada como racista e preconceituosa, a definição provocou uma ação do Ministério Público Federal de Uberlândia, que pedia a apreensão do dicionário.

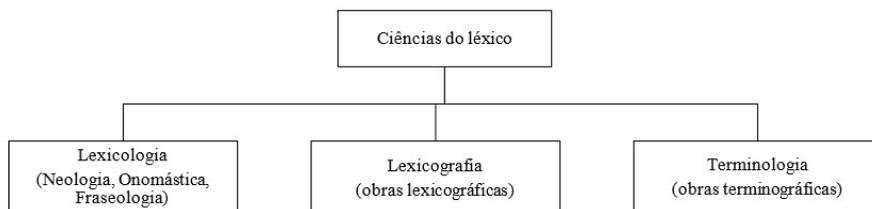
Enfim, são vários os fenômenos que podem ser apreciados pelos estudos do léxico, englobados pelas ciências do léxico.

### 3 As Ciências do Léxico são ciências?

Na doutrina brasileira dos estudos do léxico, “consolidou-se – conforme afirma Krieger (2016, p. 557-8) – uma tradição de considerar a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia como um tripé que sustenta o que se passou a denominar de Ciências do Léxico.”. Que são as ciências do léxico? É a designação dada ao conjunto de disciplinas chamadas de ciências que se ocupam do estudo das unidades léxicas da língua. Esse conjunto é formado tradicionalmente de três disciplinas: Lexicologia, Lexicografia e Terminologia.

A tradição designativa referida acima, com a tripartição das ciências (Lexicologia, Lexicografia e Terminologia), é ratificada, por exemplo, na nomeação dos grupos de trabalho da ANPOLL (GTLex: GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia) e no título da coleção organizada por Isquierdo *et al*<sup>4</sup> que se tornou referência na área: “As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia”. Dessa forma, haveria a seguinte representação:

Figura 1 – esquema tripartido das ciências do léxico

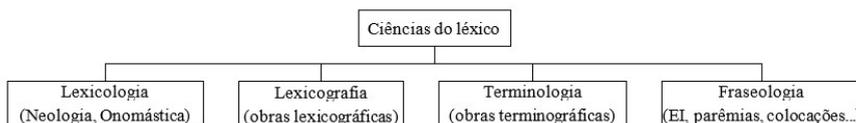


Fonte: elaboração própria.

Além da forma tripartida, é comum apresentar, por conta do desenvolvimento dos estudos fraseológicos, uma quadripartição dos estudos, com a Fraseologia como ciência independente, não mais como subárea da Lexicologia:

<sup>4</sup> A coleção já conta com nove volumes: Isquierdo e Krieger (2004); Isquierdo e Alves (2007); Isquierdo e Finatto (2010); Isquierdo e Barros (2010); Isquierdo e Seabra (2012); Isquierdo e Dal Corno (2014, 2018); Isquierdo e Abbade (2020) e Oliveira e Isquierdo (2001).

Figura 2 – esquema quadripartido das ciências do léxico



Fonte: elaboração própria.

Ora, para uma área do conhecimento (estudos do léxico) que tem uma preocupação denominativa, não pode passar despercebida uma questão conceitual e terminológica: as ciências do léxico – seja tri ou quadripartida (ou ainda, apesar do exagero, multipartida: Lexicologia, Onomástica, Lexicografia, Fraseologia, Fraseografia, Idiomatologia, Paremiologia, Terminologia, Terminografia, Tradutologia) – são de fato ciências?

Em entrevista concedida a Krieger, quando questionada sobre o alcance internacional das ciências do léxico, a professora argentina Andreína Adelstein atentou para esse fato destacando que o substantivo “ciências” pode ser um pouco forte (Adelstein, 2016, p. 558). Seria uma incongruência terminológica? Um exagero? Para Chalmers (1993, p. 17), há um apelo à autoridade das ciências e dos cientistas quando atribuem o adjetivo “científico” a um produto, a um raciocínio ou a um estudo; é um recurso para afirmar que algo está bem fundamentado e fora de contestação, alcançando, assim, mérito e confiabilidade. Isso se deve, segundo Gerhardt e Silveira (2009, p. 14-5), à posição privilegiada da ciência em relação aos demais conhecimentos (empírico ou popular, filosófico, religioso), adquirida ao longo da história, sobretudo por conta da construção do método científico e das conquistas da Biologia, Química e Física.

Não podemos simplesmente reproduzir sobejamente um termo sem antes fazermos uma reflexão conceitual. Não se trata de um capricho; é, antes, uma necessidade por pertencermos a uma filiação teórica cujo fim inclui o ato de designar. Mas esse impasse hamletiano de ser ou não ser suscita outra questão: o que é ciência?

A etimologia pouco nos revela: ciência (do latim *scientia* = conhecimento; deriva do verbo *scire* = saber) significa conhecimento. Nos dicionários, encontramos uma luz, apesar das dezenas de possibilidades de sentido. Ferreira (2010) apresenta seis acepções e 28 subentradas; Sacconi (2010), seis acepções e 29 subentradas; Michaelis (2015), nove

acepções e uma subentrada com duas acepções; Aulete digital, 8 acepções e 25 subentradas; Houaiss (2009), sete acepções e dezessete subentradas.

Diante dessa volubilidade e sortimento conceitual, mister é recorrer à tutela da epistemologia (*episteme* = conhecimento científico + *logia* = estudo), ramo filosófico que trata da teoria das ciências. Como observa Saviani (2017, p. 2), a palavra “epistemologia” é considerada em geral como sinônimo de “teoria do conhecimento”. Mas na língua grega o significado de conhecimento é expresso por vários termos – γνῶσις (*gnosis*), ἐπιστήμη (*episteme*), σοφία (*sofia*) e δόξα (*doxa*) –, cada qual com significado próprio: “gnosis” significa conhecimento geral, numa acepção ampla; “episteme” refere-se ao conhecimento metódico, sistemático, controlado, ou seja, científico; “sofia” significa sabedoria, o conhecimento decorrente da experiência; “doxa” designa opinião, que remete senso comum. “Enfim, cabe entender que, rigorosamente, o termo derivado do grego que corresponde ao significado de “teoria do conhecimento” é “gnosiologia”, enquanto que epistemologia já evocaria mais especificamente a teoria do conhecimento científico ou teoria das ciências.” (Saviani, 2017, p. 2). Essa distinção é abonada por Comte-Sponville (2011, p. 196), que define epistemologia como “a parte da filosofia que versa sobre uma ou várias ciências em particular, e não sobre o saber geral (teoria do conhecimento, gnoseologia)”. Justificada a autoridade da epistemologia, vejamos a definição de ciência em três dicionários de Filosofia:

É um conjunto de conhecimentos, de teorias e de hipóteses referentes ao mesmo objeto ou ao mesmo domínio (por exemplo, a natureza, os seres vivos, a Terra, a sociedade...), que ela constrói mais do que constata, historicamente produzidos (toda verdade é eterna, nenhuma ciência o é), logicamente organizados ou demonstrados, tanto quanto podem sê-lo, coletivamente reconhecidos, ao menos pelos espíritos competentes (é o que distingue as ciências da filosofia, na qual os espíritos competentes se opõem), enfim – salvo no caso da matemática – empiricamente falsificáveis. (Comte-sponville, 2011, p. 101)

Conjunto de conhecimentos e de investigações com um suficiente grau de unidade, de generalidade, e suscetíveis de trazer aos homens que se lhes consagram conclusões concordantes, que não resultam nem de convenções arbitrárias, nem de gostos ou

de interesses individuais que lhes são comuns, mas de relações objetivas que se descobrem gradualmente e que se confirmam através de métodos de verificação definidos. (Lalande, 1999, p. 155)

Conhecimento que inclua, em qualquer forma ou medida, uma garantia da sua própria validade. (Abbagnano, 2012, p. 157)

Day (1996, p. 321, trad. nossa) argumenta que os elementos tradicionais do conhecimento científico são: objeto, método e teoria. Com muita propriedade, o dicionário Aurélio (Ferreira, 2010), na terceira acepção do verbete ciência, apresenta um significado de fundamentação epistemológico-filosófica:

Conjunto de conhecimentos socialmente adquiridos ou produzidos, historicamente acumulados, dotados de universalidade e objetividade que permitem sua transmissão, e estruturados com métodos, teorias e linguagens próprias, que visam compreender e, possivelmente, orientar a natureza e as atividades humanas.

Com base nessas definições e na literatura epistemológica<sup>5</sup>, podemos apresentar a seguinte caracterização de ciência: conjunto de conhecimento, produzido de forma racional e transitória, com objeto, teoria, método e terminologia própria. Assim, a ciência se caracteriza por: conhecimento racional e falível, objeto, teoria, método, terminologia. Vejamos à frente:

- a) conhecimento racional: a ciência (universal e objetiva) se contrapõe à opinião (particular e pessoal). Conhecimento racional é baseado na lógica, “o que a razão pode pensar, calcular, conhecer e, pelo menos de direito, explicar.” (Comte-sponville, 2011, p. 499). Racional é o “que permite saber como o mundo é independentemente da subjetividade.” (Paulo Netto, 2011a, p. 337).
- b) conhecimento falível ou falseável: sendo racional, o conhecimento científico não é absoluto nem inquestionável; é transitório, corrigível

---

<sup>5</sup> Abbagnano (2012); Chalmers (1993); Comte-Sponville (2011); Fourez (1995); Gerhardt e Silveira (2009); Hegenberg (1969); Hessen (2000); Lalande (1999); Minayo (2007); Mora (2000); Santos (2016).

e inesgotável, pressupondo a falibilidade, já que a ciência convida à dúvida. O questionamento leva ao conhecimento, à quebra de paradigmas. “No domínio científico, toda conclusão é provisória, sujeita à comprovação, retificação, abandono, etc.” (Paulo Netto, 2011b, p. 26). A ciência está continuamente em formação, por isso Greimas insistia em considerar a semiótica não uma ciência estabelecida, mas um projeto científico: “...a ciência não está nunca acabada, que ela não apresenta jamais formulações definitivas, que ela não é feita de certezas, mas que comporta determinadas permanências de objetivos.” (Fiorin, 2008, p. 9). Como observa Lalande (2012, p. 1128), se o conhecimento científico fosse considerado perfeito e imutável, sem ser submetido à verificação e à crítica, ele se tornaria uma doutrina.

- c) objeto (do lat. *objectus* = o que se apresenta aos olhos): partindo do sentido geral, objeto é “o que está perante nós, o que nós consideramos, o que temos em vista. [...] Aquilo que possui uma existência em si, independente do conhecimento ou da ideia que os seres pensantes disso possam ter.” (Lalande, 1999, p. 754). Para Paulo Netto (2011b, p. 21-2), o objeto da pesquisa tem existência objetiva; não depende do sujeito nem do pesquisador para existir. Diferentemente da filosofia, que segundo Saviani (1980, p. 24) não tem objeto determinado, dirigindo-se a qualquer aspecto da realidade, a ciência determina seu objeto: a Matemática, a lógica; a Biologia, os seres vivos; a Física, os fenômenos naturais; a Sociologia, a sociedade. Assim, o objetivo do pesquisador, indo além da aparência fenomênica, imediata e empírica, é apreender a essência (estrutura e dinâmica) do objeto. (Paulo Netto, 2011b, p. 22).
- d) teoria (do gr. *theoria* = ato de ver, de contemplar, por oposição à prática): para Saviani (1980, p. 20-1), a tarefa da ciência é captar a essência dos fenômenos da realidade. Com isso, entendemos laconicamente teoria como a explicação lógica de um objeto: “construção especulativa do espírito, que liga consequências a princípios [...], “ampla síntese que se propõe explicar um grande número de fatos...” (Lalande, 1999, p. 1127-8). Com base na teoria marxista, Paulo Netto (2011b, p. 21) diz que teoria é a reprodução e a interpretação, no plano do pensamento (ideal), do movimento real (material) do objeto, da sua essência (estrutura e dinâmica): “a teoria é, para Marx, a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e a dinâmica do

objeto que pesquisa”. É a essência do objeto transposta para a cabeça do pesquisador. Teoria não é a construção de enunciados discursivos nem a descrição ou o exame sistemático das formas de um objeto; o exame e a descrição são apenas condições para a construção de uma teoria, que mostra as leis que regulam os movimentos do objeto.

- e) método [do gr. *méthodos* = busca, pesquisa, investigação. De *metá* = através + *hodós* = caminho): o conhecimento científico deve ser construído de maneira coerente e sistemática. Isso só é possível pelo emprego do método: “conjunto, racionalmente ordenado, de regras ou de princípios, tendo em vista obter determinado resultado.” (Comte-Sponville, 2011, p. 388). Saviani (1980, p. 24) apregoa que toda reflexão filosófica (exame detido) deve ser radical (ir às raízes da questão), rigorosa (com método) e global (na perspectiva da totalidade). Ser rigoroso é seguir um método próprio de análise e síntese; é mostrar o caminho pelo qual chegamos aos resultados. “O método se contrapõe à sorte e ao acaso, pois é antes de tudo uma ordem manifesta num conjunto de regras.” (Mora, 2001, p. 1962). O método é um caminho para alcançar um resultado. Feyerabend (1977), na sua teoria anárquica, contestou a ideia de um método científico único e universal: “Todas as metodologias têm limitações e só a ‘regra’ do ‘tudo vale’ é capaz de manter-se.” (p. 450, grifo do autor). Esse ataque provocou um anarquismo metodológico, donde nasceu a rejeição a protocolos mecânicos de regras para solução de problemas. Isso não significou uma negação a todo e a qualquer procedimento de investigação, mas a invenção de métodos a cada situação e a cada objetivo. Essa “invenção” reflete na afirmação de Day (1996, p. 318), para quem o método é determinado pelos objetivos, pelo fim procurado. Se o método é o caminho (conjunto de procedimentos) adotado para realizar uma pesquisa, “técnica” é a forma concreta de executar a pesquisa. São os instrumentos usados na investigação, como entrevista, questionário, gravação, etc. O método, assim, se realiza com técnicas (procedimentos). Eis a diferença entre método e procedimento metodológico.
- f) terminologia própria: a terminologia (com inicial minúscula) aqui é entendida como um conjunto de termos, uma metalinguagem. Para Beividas (2002, p. 272), a linguagem conceptual legitima um campo do saber, sendo, ao lado da metodologia, uma das condições à

cientificidade. São os termos que dão à teoria “maior economia, mais forte conceptualização de seus objetos, mais clara comunicação entre os pesquisadores, maior transparência na ‘discussão’, maior precisão na comparabilidade das suas hipóteses e descobertas...”. Benveniste (1989, p. 252) corrobora a importância da terminologia ao dizer que uma ciência só começa a existir quando impõe seus conceitos por meio da denominação: “Denominar, isto é, criar um conceito, é, ao mesmo tempo, a primeira e última operação de uma ciência.”. Portanto, a terminologia é peça-chave à representação e à divulgação do conhecimento científico.

Depois dessa digressão epistemológica, num esforço para caracterizar a palavra “ciência” – conjunto de conhecimento, produzido de forma racional e transitória, com objeto, teoria, método e terminologia própria –, podemos ter uma vaga noção de ciência. É preciso qualificar essa noção de vaga porque o arrazoado muito sinóptico acima implementado não é capaz de resolver a complexidade do termo, tampouco o consenso da definição, já que nos imputamos a qualidade de linguista, não de epistemólogo ou de filósofo da ciência. Entretanto, essa incursão conceitual – tarefa cardeal do terminólogo – possibilita afirmar que áreas normalmente ditas científicas não são rigorosamente científicas. É o caso, por exemplo, do Direito e da Medicina.

Também denominado ciência jurídica, o Direito, apesar da terminologia (linguagem forense, recheada de latinismos) e de alguns princípios (como a constitucionalidade), não se caracteriza pela produção de conhecimento nem por método próprio; constitui, antes, um conjunto de normas e protocolos. A Medicina, por sua vez, segue seus procedimentos com base, sobretudo, na Biologia e na Química, ciências plenamente constituídas. Podemos fazer ciência estudando o Direito e a Medicina, como o fazem os programas de pós-graduação, tomando-os como objeto. Mas o Direito e a Medicina não constituem, por si só, uma ciência.

Delineado o conceito de ciência, cumpre voltarmos à questão posta inicialmente: as ciências do léxico são de fato ciências? Valendo-nos da visão quadripartida – respeitando o avanço dos estudos fraseológicos –, a pergunta recai sobre quatro termos: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Fraseologia.

A Lexicologia – apesar de muito mencionada, mas por lhe caber o léxico, “um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos” (Biderman, 1978, p. 139) – tem uma posição imprecisa. Para Biderman (2001, p. 16), a Lexicologia “tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico”. Na página principal do GTLEX<sup>6</sup>, ela é definida como “uma disciplina que estuda o léxico e a sua organização de pontos de vista diversos”. Como observam Krieger e Finatto (2017, p. 43-5), a Lexicologia, ocupando-se da palavra, que é um lugar de encontro e interesse de muitas ciências, tende a ser compreendida de modo difuso, sendo um lugar de fronteiras, pois diferentes visões e interesses a perpassam. Rey (1970, p. 1) vai considerá-la uma disciplina de encruzilhadas nas ciências humanas e em semiótica, porquanto é indispensável à maior parte dos estudos da Linguística.

A Lexicografia foi definida por Biderman (2001, p. 17) como a “ciência dos dicionários.”. Mas se constitui num conhecimento racional ou numa prática? Possui objeto, teoria, método e terminologia própria ou se vale das reflexões lexicológicas, como delimitação de unidades mono e polilexicais, fenômenos semânticos (polissemia, monossemia, homonímia, sinonímia, antonímia), contextos de uso (marcas diassistemáticas) e variação? A Lexicografia não é em si uma ciência, mas também não é simplesmente uma técnica; é antes uma prática fundamentada, uma aplicação da ciência, pois sua atividade está fundamentada nas orientações e nos fundamentos lexicológicos.

A Terminologia, assentada inicialmente nas escolas clássicas de Terminologia (austríaca, tcheca e soviética) e, posteriormente, nas novas teorias (Socioterminologia, Teoria Comunicativa da Terminologia e Teoria Sociocognitiva da Terminologia), foi ganhando cada vez mais espaço, apesar da importância no meio técnico-científico, caráter linguístico, haja vista as produções terminográficas resultantes das pesquisas de programas de pós-graduação em Letras. Seus fundamentos, também, estão na dependência de outras áreas. Quando a Teoria Comunicativa da Terminologia (Cabré, 1999) estabelece que não há diferença entre termo e palavra e que a variação terminológica deve ser considerada, implícitas estão as contribuições da Semântica, da Sociolinguística e da Morfologia. A prática terminográfica, apesar das

---

<sup>6</sup> Disponível em: <http://anpoll.org.br/gt/lexicologia-lexicografia-e-terminologia/>

diferenças entre dicionários comuns e especializados, mantém íntima relação com o fazer lexicográfico.

Com a Fraseologia, a dependência de outras áreas se repete. Ao delimitar a unidade polilexical como um constituinte de extensão sintagmática, mas de valor paradigmático, que equivale sintática e semanticamente a uma categoria léxico-gramatical, comportando-se morfologicamente como um substantivo, advérbio, adjetivo, etc., também estão pressupostos os princípios morfológicos, semânticos e sintáticos. Suas produções fraseográficas, como a terminográficas, apesar das especificidades, também derivam das práticas lexicográficas.

Com base no exposto acima e considerando a concepção epistemológica, não poderíamos chamar as ciências do léxico de ciências. Quando Comte-Sponville (2011, p. 101) diz que todas as ciências são diferentes por seu objeto ou por seu método, ele afirma que cada ciência possui seu próprio objeto. Não é o que acontece com as disciplinas elencadas acima que estudam o léxico. Elas não possuem objetos diferentes; ocupam-se do mesmo objeto: a concepção de unidade lexical. Ainda que haja valores específicos (geral ou terminológico, mono ou poliléxico, teórico ou prático), em todas elas há um denominador comum (apesar dos rótulos: lexema, unidade lexical, unidade lexicográfica, unidade fraseológica...) que as une: a palavra, a unidade do léxico. Por isso, não podem ser pensadas como disciplinas independentes, mas interdependentes ou inter-relacionadas. Não são ciências, mas uma única ciência, a ciência do léxico.

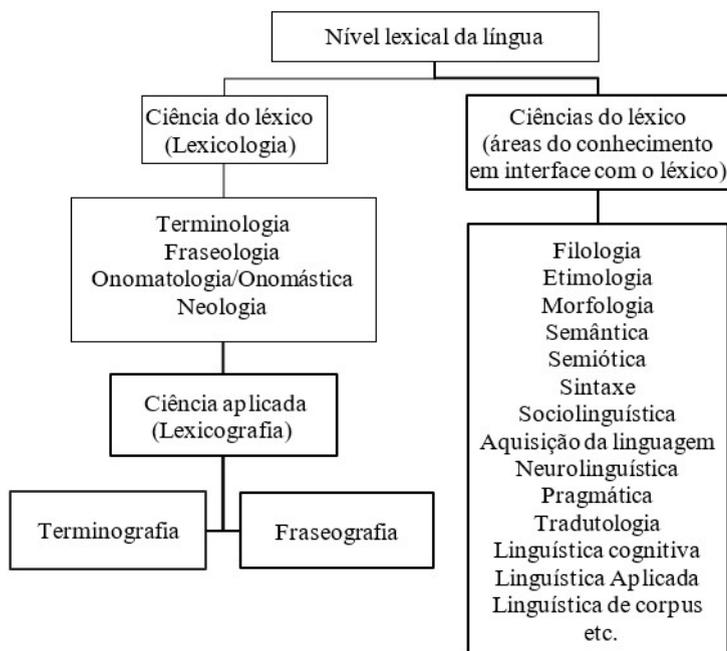
#### **4 Ciências do Léxico e Ciência do Léxico**

Enunciar “ciência” no lugar de “ciências” não significa negar ou invalidar tudo que já foi dito ou debatido nos estudos do léxico. Tampouco uma ruptura ou inflexão. Apenas uma adequação dos termos para alcançar, com base na cientificidade, não no cientificismo, uma precisão terminológica. Com esse entendimento, propomos uma sistematização dos estudos do léxico, apresentando uma divisão: ciência do léxico e ciências do léxico. Essa bipartição é baseada na diferença estabelecida por Saviani em diferentes oportunidades (1980, 2007, 2008, 2010) entre ciências da educação (Sociologia da Educação, Psicologia da Educação, Economia da Educação, etc.) e ciência da educação (Pedagogia).

Para resgatar o destaque que merece, muitas vezes ignorado pela imprecisão do sentido e das definições, e considerando o significado morfológico do termo (Lexicologia [léxico + logia] = estudo do léxico), propomos Lexicologia como a ciência do léxico propriamente dita, abarcando Lexicografia, Terminologia, Terminografia, Fraseologia, Fraseografia, Onomástica e Neologia. E ciências do léxico aquelas que mantêm, ainda que possuam objeto próprio, uma interface com o léxico: Sociolinguística, Fonologia, Morfologia, Semiótica, etc.

Com essa bipartição, teríamos o seguinte esquema:

Figura 3 – Sistematização dos estudos do léxico



Fonte: elaboração própria.

De um lado, a ciência do léxico, cujo objeto é o léxico, estruturando-se a partir e em função dele, com teorias do léxico; de outro, as ciências do léxico, que, apesar de tratar também das unidades do léxico, possuem especificamente outro objeto, abarcando teorias sobre o léxico.

A Morfologia, por exemplo, estuda a unidade lexical, mas seu objeto são os morfemas. A Semiótica se preocupa – independentemente da extensão (palavra, frase ou texto) ou da manifestação (verbal ou não verbal) – com a construção do sentido. Até mesmo a Fonética e a Fonologia, estudando os sons da fala dos pontos de vista físico e funcional, respectivamente, consideram também as unidades do léxico: “A palavra é a unidade básica de todos os sistemas de escrita e também da fonologia.” (Cagliari, 2012, p. 71). Para Beividas (2009, p. 50-1), o que define o estatuto de um fonema (tradicionalmente apresentado como menor unidade linguística destituída de sentido) é o significado da palavra, por meio da associação inseparável de um significante e de um significado. O fonema exige o significado. Em *sapato*, fica provado que s, a, p, t, o são todos fonemas. Mas em *pasato*, *satopa*, *patosa*, *sotapa*, *potassa*, como não há a contrapartida em significado, são meras sequências de ruído, não passam de massa sonora sem pertinência para a língua.

As ciências do léxico, em verdade, são ciências já constituídas, com objeto próprio, considerando o léxico como uma das facetas nas quais seu objeto resvala. Diferentemente, a ciência do léxico, propriamente dita, se constituiria na medida em que constituísse o léxico, na sua totalidade, como seu objeto<sup>7</sup>.

Curiosamente, Krieger (2010, p. 169), ao se referir ao tripé “Lexicologia-Lexicografia-Terminologia”, disse: “as ciências do léxico, tal como as entendemos e desenvolvemos, tomam a palavra em aspectos que se diferenciam de áreas como a Morfologia e a Semântica.”. Neste trecho, embora não houvesse por parte da autora a intenção de propor uma nomenclatura divisória, há implicitamente a ideia de divisão entre ciência e ciências do léxico, segundo os termos conceitualmente aqui propostos.

Nas ciências do léxico, o léxico é ponto de passagem. O ponto de partida e o ponto de chegada estão alhures. Isso significa que as abordagens da Filologia, da Morfologia, da Semântica, da Semiótica, da

---

<sup>7</sup> Redação baseada no texto de Saviani (2010, p. 27): “As chamadas ciências da educação, em verdade são ciências já constituídas com um objeto próprio, externo à educação e que constituem, em seu interior, um ramo específico que considera a educação sob o aspecto de seu próprio objeto recortando, no conjunto do fenômeno educativo aquela faceta que lhe corresponde. Diferentemente, a ciência da educação, propriamente dita, se constituiria na medida em que constituísse a educação, considerada em concreto, isto é, em sua totalidade, como seu objeto.”.

Linguística Cognitiva, da Linguística de Corpus, entre outras, tomam a unidade lexical como fato filológico, morfológico, semântico, semiótico, etc. O léxico é tomado como teste de hipóteses que, uma vez verificadas, redundarão no enriquecimento da Filologia, da Morfologia, da Semântica, da Semiótica, etc. Nelas, o ponto de partida e o ponto de chegada estão fora do nível lexical. Na Lexicologia, ou ciência do léxico propriamente dita, o léxico, enquanto ponto de partida e ponto de chegada, torna-se o centro das preocupações. Ao invés de se considerar o léxico a partir de critérios filológicos, morfológicos, semânticos, semióticos..., são as contribuições das diferentes áreas que serão tomadas a partir da problemática lexical<sup>8</sup>. Aqui, o léxico, na sua totalidade, constitui um objeto, ainda que se valha das formulações teóricas de outras ciências, mas o ponto de partida e o ponto de chegada estão dentro do nível lexical. A figura abaixo ilustra os dois circuitos:

Figura 4 – circuitos representativos da direção dos estudos lexicais



Fonte: adaptado de Saviani (1980, p. 89).

<sup>8</sup> Redação baseada no texto de Saviani (1980, p. 89-90): “Aí a educação é ponto de passagem (...) O ponto de partida e o ponto de chegada estão alhures. Isto significa que as pesquisas no âmbito da sociologia da educação (e isto vale também para as demais áreas) circunscrevem a educação como seu objeto, encarando-a como fato sociológico que é visto, conseqüentemente, à luz das teorizações sociológicas a partir de cuja estrutura conceptual são mobilizadas as hipóteses explicativas do aludido fato. O processo educativo é encarado, pois, como campo de teste das hipóteses que, uma vez verificadas, redundarão no enriquecimento do acervo teórico da disciplina sociológica referida. (...) A educação, enquanto ponto de partida e ponto de chegada, torna-se o centro das preocupações. Note-se que ocorre agora uma profunda mudança de projeto. Ao invés de se considerar a educação a partir de critérios psicológicos, sociológicos, econômicos, etc., são as contribuições das diferentes áreas que serão avaliadas a partir da problemática educacional”.

Na ciência do léxico, o léxico é ponto de partida e ponto de chegada; nas ciências do léxico, ele é ponto de passagem. Para exemplificar um fenômeno como “ponto de passagem”, tomemos o caso do empréstimo linguístico, que pode ser abordado por várias disciplinas, com interesses diferentes. Pela Fonologia, que observa as estratégias de adaptação do falante às regras fonotáticas da língua receptora, como inserção vocálica ou supressão de consoantes. Pela Sociolinguística, que descreve as marcas diaintegrativas de uma unidade, envolvendo aspectos linguísticos e extralinguísticos das variações diatópica, diamedial, diastrática, diatécnica, dianormativa, entre outras. Pela Semântica, por conta das nuances de sentido adquiridas pela incorporação dos empréstimos (*shopping*, por exemplo, no inglês é o ato de fazer compra, mas em português é usado como espaço recreativo de compras). Pela Aquisição de linguagem, por conta das situações de bilinguismo e aquisição de segunda língua.

Da mesma maneira, o léxico é ponto de passagem de diversas disciplinas. Essa é a razão pela qual o léxico é considerado “uma intersecção de caminhos” (Lorente, 2004, p. 20), “uma confluência”, “um tema transversal” (Seide; Vescovi; Cottica, 2016, p. 238-9) ou “um entrecaminhos” (Nadin, 2018, p. 40). Mas não podemos dizer, entretanto, que a Lexicologia enquanto ciência do léxico não constitui uma área de conhecimento estabelecida, uma área de estudo específica, “um ponto onde se juntam as disciplinas do estudo linguístico, sem, contudo, constituir um objeto de teorização à parte.” (Seide; Vescovi; Cottica, 2016, p. 239). Diferentemente de outras disciplinas, em que o léxico é um ponto no percurso, apenas a Lexicologia como ciência do léxico propriamente dita toma o léxico como seu objeto, em todo seu percurso, como ponto de partida e ponto de chegada, convocando para isso todos fundamentos linguísticos (fonético-fonológicos, morfológicos, sintáticos, pragmáticos, semânticos, cognitivos, computacionais, etc.).

Além da totalidade do léxico como objeto (ponto de partida e ponto de chegada), outra característica muito marcante da ciência do léxico, em relação aos outros ramos da Linguística, é a “dialética constitutiva entre teoria e prática”, nos termos de Schmied-Kowarzik (1983, p. 11-2). O filósofo alemão usou a expressão “dialética constitutiva entre teoria e prática” para se referir à Pedagogia, que, como ciência prática voltada para a Educação, busca contribuir constantemente, enquanto atividade teórica, à orientação da prática educativa. O mesmo vale para os estudos

do léxico. A diferença entre a ciência do léxico propriamente dita e as outras ciências do léxico é que esta última se caracteriza pela preocupação predominantemente teórica, ao passo que aquela se caracteriza pelo explícito interesse pela articulação entre as dimensões teórica e aplicada, haja vista os tradicionais pares Lexicologia/Lexicografia, Terminologia/Terminografia, Fraseologia/Fraseografia. A Lexicografia, que orienta Terminografia e Fraseografia, não é em si uma ciência, mas também não é simplesmente uma técnica; é uma prática fundamentada, uma aplicação da ciência, pois sua prática está fundamentada nas orientações e nos fundamentos da Lexicologia, numa dialética constitutiva. Curiosamente, essas duas ideias-chave (bipartição dos estudos do léxico e articulação teórica e aplicada) foram sintetizadas nas palavras da professora argentina Adelstein (2016, p. 558, tradução nossa):

Acredito que a diferença fundamental entre as ciências do léxico, como uma integração apenas das três disciplinas mencionadas na questão anterior, e outros ramos da linguística que lidam com o léxico, como morfologia lexical, semântica lexical ou aquisição do léxico, é o explícito interesse no estudo articulado das dimensões teórica e aplicada. Em outros aspectos, por outro lado, é muito difícil estabelecer claramente a distinção entre lexicologia e morfologia lexical, por exemplo.

Com base no arrazoado implementado acima, empregando os termos com propriedade, podemos afirmar – diante de todo conhecimento acumulado e comprovado nas publicações, nos eventos, nos programas de pós-graduação, nos financiamentos de pesquisa junto às agências de fomento – que a Lexicologia tem conhecimento racional e falível, objeto, teoria, método e terminologia, constituindo, portanto, uma ciência de naturezas ontológica e epistemológica.

## 5 Considerações finais

Estando numa área que se preocupa com a palavra e com os termos, não deixa de ser intrigante o uso indiscriminado de ciências para se referir aos domínios que compreendem o estudo do léxico. Junto do uso, sobrevém outro problema que lhe é intrínseco, já que o termo referido quase sempre é empregado no plural: quantas são essas ciências? Com essa postura enquadrante e taxonômica, as polêmicas surgem: são

três, como tradicionalmente apresentam (Lexicologia, Lexicografia e Terminologia), ou haveria uma hexadivisão: Lexicologia, Lexicografia, Fraseologia, Fraseografia, Terminologia e Terminografia? A Fraseologia, por exemplo, seria uma disciplina autônoma (ao lado da Lexicologia, Lexicografia e Terminologia) ou uma subárea? Essas questões apenas ocultam outra questão: o que são ciências? Nesse exercício introspectivo, desnudamos a essência do problema: a necessidade de adequação terminológica. Diante desse problema, nossa proposta foi sistematizar os estudos do léxico, estabelecendo uma diferença entre ciência do léxico e ciências do léxico. Tendo uma literatura já consolidada que trata dessa questão – a epistemologia –, não poderíamos simplesmente buscar os possíveis significados de ciência, como os arrolados num dicionário. Por isso, fundamentamos nossa definição na diferença que Saviani estabelece entre ciências da educação e ciência da educação. Com isso, apresentamos uma proposta teórica, com uma ciência do léxico propriamente dita que toma o léxico como ponto de partida e ponto de chegada, designando-a Lexicologia para resgatar os valores terminológico e morfológico desse termo como verdadeiramente a ciência do léxico (léxico + logia).

Agora, podemos corroborar nestas considerações finais o conceito aqui defendido de Lexicologia, denominação dada à ciência do léxico propriamente dita.

Nessa concepção epistemológica apresentada, há duas instâncias nucleares: totalidade e mediação. Segundo Paulo Netto (2011b, p. 56), Marx considerava a sociedade uma totalidade concreta. Não um todo constituído de partes integradas, mas uma totalidade concreta inclusiva e macroscópica, de máxima complexidade, constituída de totalidades de menor complexidade.

Essa mesma concepção de totalidade pode valer para uma ciência do léxico transdisciplinar. A Lexicologia é uma totalidade concreta inclusiva constituída de totalidades constitutivas de menor complexidade (Neologia, Onomástica, Fraseologia, Fraseografia, Terminologia, Terminografia e Lexicografia): um complexo constituído de complexos<sup>9</sup>. Nenhuma dessas totalidades é simples; o que as distingue é o grau de complexidade. Tampouco há totalidades mais determinantes que outra. A Lexicologia, enquanto uma totalidade estruturada, articulada e dinâmica, é resultado

---

<sup>9</sup> Trata-se de uma expressão lukacsiana citada por Paulo Netto (2011b, p. 56): “um complexo constituído por complexos”.

das contradições de todos os complexos constitutivos das totalidades que compõem essa totalidade inclusiva. Essas relações são mediadas pelos níveis de complexidade e pela estrutura peculiar de cada totalidade. Sem a mediação dessas totalidades, a totalidade concreta inclusiva da Lexicologia seria uma totalidade indiferenciada. Mas o léxico é um processo, movimento em cuja contradições o dinamismo leva a patamares de crescente complexidade, que, por sua vez, leva a outras superações, numa constante mudança. Isso significa que cada totalidade constitutiva da Lexicologia é relativa e mutável: ela pode esgotar-se ou ascender-se.

Nossa proposta de sistematização dos estudos do léxico, para corroborar a legitimação desse domínio, não é transformar os estudos do léxico, mas uma tentativa de fazer “movimentar, o menos inadequadamente possível, as pedras no jardim, situando os conceitos no quadro teórico, metodológico e sobretudo epistemológico das ciências da linguagem.” (Silva, 1995, p. 23).

Se concebemos a língua não como um organismo acabado, mas como um processo em constante mudança, o léxico igualmente não se apresenta como um caos, mas como resultado do desenvolvimento natural da própria língua. Pensando na ontologia do léxico, o ser de suas unidades, a sua essência não é dada pela natureza, mas é produzida pelas próprias palavras, no processo de uso e da construção do sentido. Cabe ao linguista, e especialmente ao lexicólogo, a tarefa de descobrir as leis que regem o que à primeira vista possa parecer obra do acaso<sup>10</sup>.

## Referências

ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 6 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. 1210 p.

ADELSTEIN, A. Entrevista. In: KRIEGER, M G; ADELSTEIN, A. *Estudos de léxico em diferentes perspectivas: identidades e fronteiras*.

---

<sup>10</sup> Valho-me das reflexões de Engels, citadas por Paulo Netto (2011b, p. 32) sobre o mundo: “...se concebe o mundo da natureza, da História e do espírito como um processo [...] Encarada sob este aspecto, a história da humanidade já não se apresentava como um caos [...], mas, ao contrário, se apresentava como o desenvolvimento da própria humanidade, que incumbia ao pensamento a tarefa de seguir [...] até conseguir descobrir as leis internas, que regem tudo o que à primeira vista se pudesse apresentar como obra do acaso.”.

*Calidoscópico* (Unisinos), v. 14, n. 3, p. 557-560, 2016. DOI: 10.4013/cld.2016.143.19

AULETE, C. *Novíssimo Aulete*: dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Organizador Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011. 1488 p.

BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. *Caderno de Terminologia*, v.1, n. 1, p. 23-45, 2001.

BECHARA, E. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

BEVIDAS, W. *Inconsciente et verbum*: psicanálise, semiótica, ciência, estrutura. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2002. 396 p.

BEVIDAS, W. *Inconsciente e sentido*. Ensaios de interface: psicanálise, linguística, semiótica. São Paulo: Annablume, 2009. 196 p.

BENVENISTE, É. *Problemas de linguística geral II*. Tradução Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989. 294 p.

BERTRAND, D.; ESTAY STANGE, V. Reflexões sobre a perspectiva gerativa em semiótica. In: CORTINA, A; SILVA, F. M. *Semiótica e comunicação*: estudos sobre textos sincréticos. Araraquara: Cultura acadêmica, 2014. p. 13-21.

BIDERMAN, M T C. *Teoria linguística*: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 1978.

BIDERMAN, M T C. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, A M P P; ISQUERDO, A N; (orgs.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001. p. 13-22.

CABRÉ, M T. *La Terminologia*: representación y comunicación. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, IULA, 1999.

CAGLIARI, L C. Aspectos metodológicos da fonética e da fonologia. In: GONÇALVES, A V; GÓIS, M L S (orgs.). *Ciências da Linguagem*: o fazer científico? Campinas: Mercado de Letras, 2012, p. 65-87.

CHALMERS, A F. *O que é ciência afinal?* Tradução Raul Filker. São Paulo: Brasiliense, 1993. 210 p.

COMTE-SPONVILLE, A. *Dicionário filosófico*. Trad. Eduardo Brandão. 2 ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011 [2001]. 658 p.

DAY, R. LIS, method, and postmodern science. *Journal of Education for Library and Information Science*, Toronto, v. 37, n. 4, p. 317-324, 1996. DOI: <https://doi.org/10.2307/40324240>

FERREIRA, A B H. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Coordenação Marina Baird Ferreira, Margarida dos Anjos. 5. ed. Curitiba: Positivo, 2010. 2272 p.

FEYERABEND, P. *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. 488 p.

FIORIN, J L. Prefácio. In: GREIMAS, A J; COURTÈS, J. *Dicionário de semiótica*. Prefácio de José Luiz Fiorin. Tradução de Alceu Dias Lima et al. São Paulo: Contexto, 2008 [1979 e 1986]. p. 7-10.

FOUREZ, G. *A construção das ciências: introdução à filosofia e à ética das ciências*. Tradução de Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Unesp, 1995 [1991]. 319 p.

GALISSON, R. Accéder à la culture partagée par l'entremise des mots à CCP. *Études de Linguistique Appliquée*, Paris, v. 67, n. x, p. 109-151, 1987. DOI: <https://doi.org/10.4000/alsic.1645>

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. (orgs). *Métodos de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

HEGENBERG, L. *Explicações científicas: introdução à filosofia da ciência*. São Paulo: Herder, 1969.

HENRIQUES, C C. Lexicologia aplicada: algumas contribuições didáticas. In: ISQUERDO, A N; BARROS, L A (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 5. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. p. 99-115.

HESSEN, J. *Teoria do conhecimento*. Trad. João V. Gallerani Cuter. São Paulo: Martins Fontes, 2000[1926]. 177 p.

HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Trad. J. Teixeira Coelho Netto. São Paulo: Perspectiva, 1975 [1943]. 147 p.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa [DEHLP]*. Versão 3.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ISQUERDO, A N; KRIEGER, M G (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 2. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2004. 381 p.

ISQUERDO, A N; ALVES, I M (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 3. Campo Grande; São Paulo: Ed. UFMS e Humanitas, 2007. 483 p.

ISQUERDO, A N; FINATTO, M J B (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 4. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. 624 p.

ISQUERDO, A N; BARROS, L A (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 5. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. 400 p.

ISQUERDO, A N; SEABRA, M C T C (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 6. Campo Grande: Ed. UFMS, 2012. 539 p.

ISQUERDO, A N; DAL CORNO, G O M (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 7. Campo Grande: Ed. UFMS, 2014.

ISQUERDO, A. N.; DAL CORNO, G. O. M. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 8. Campo Grande: Ed. UFMS, 2018.

ISQUERDO, A. N; ABBADE, C. M. S. (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 9. Campo Grande: Ed. UFMS, 2020.

KLARE, J. Lexicologia e fraseologia no português moderno. *Revista de Filologia Románica*, Madrid, v. X, n. 4, p. 355-360, 1986.

KRIEGER, M. G. Lexicologia, Lexicografia e Terminologia: impactos necessários. In: ISQUERDO, A. N; FINATTO, M J B (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Vol. 4. Campo Grande: Ed. UFMS, 2010. p. 161-175.

KRIEGER, M. G. Entrevista. In: KRIEGER, M G; ADELSTEIN, A. Estudos do léxico em diferentes perspectivas. *Calidoscópio* (Unisinos), v. 14, n. 3, p. 557-560, 2016.

KRIEGER, M. G.; FINATTO, M. J. B. *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2017. 224 p.

LALANDE, A. *Vocabulário técnico e crítico da Filosofia*. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 1336 p.

LORENTE, M. A Lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. In: ISQUERDO, A. P, KRIEGER, M. G. (orgs). *As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia*, vol. II. Campo Grande: Editora UFMS, 2004, p.19-30.

MATORÉ, G. *La méthode em lexicologie: domaine français*. Paris: Didier, 1953.

MICHAELIS. *Dicionário brasileiro da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 2015a. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>”<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>

MINAYO, M C S. *O desafio do conhecimento*. 10. ed. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MORA, J F. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Maria Stela Gonçalves et al. São Paulo: Loyola, 2000 [1994]. 786 p. [tomo I, A-D].

MORA, JF. *Dicionário de Filosofia*. Trad. Maria Stela Gonçalves et al. São Paulo: Loyola, 2001 [1994]. [tomo II, E-J; tomo III, K-P; tomo IV, Q-Z].

NADIN, O L. *Os estudos do léxico: um entrecaminhos*. 2018, 70 f. Sistematização crítica (Tese de Livre-docência em Estudos do Léxico). Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Araraquara, 2018.

OLIVEIRA, A M P P; ISQUERDO, A N (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2 ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

PAULO NETTO, J. Entrevista. *Revista Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 333-340, 2011a.

PAULO NETTO, J. *Introdução ao estudo do método de Marx*. São Paulo: Expressão Popular, 2011b. 64 p.

PESSEK, K. *Dicionário de palavras interligadas: analógico e ideias afins*. Brasília: Thesaurus, 2010. 1780 p.

REY, A. *La lexicologie: lectures*. Paris: Klincksieck, 1970.

SACCONI, L A. *Grande dicionário Sacconi da língua portuguesa*. São Paulo: Nova Geração, 2010. 2088 p.

SANTOS, I E. *Manual de métodos e técnicas de pesquisa científica*. 12 ed. Niterói: Impetus, 2016. 368 p.

SAVIANI, D. *Educação: do senso comum à consciência filosófica*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1980. 224 p.

SAVIANI, D. Escola e Democracia: para além da teoria da curvatura da vara. *ANDE - Revista da Associação Nacional de Educação*, Campinas, v. 2, n.2, p. 56-64, 1982.

SAVIANI, D. O pensamento pedagógico brasileiro: da aspiração à ciência à ciência sob suspeição. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 21, n. 42, p. 13-35, 2007. DOI: <https://doi.org/10.14393/REVEDFIL.v21n42a2007-463>

SAVIANI, D. *A pedagogia no Brasil: história e teoria*. Campinas: Autores Associados, 2008.

SAVIANI, D. Ciência e educação na sociedade contemporânea: desafios a partir da pedagogia histórico-crítica. *Faz Ciência*, Francisco Beltrão, v. 12, n. 16, p. 13-36, 2010. DOI: <https://doi.org/10.48075/rfc.v12i16.7434>

SAVIANI, D. Epistemologias da política educacional: algumas precisões conceituais. *Revista de Estudos Teóricos y Epistemológicos en política educativa*, Ponta Grossa, v. 2, n. X, p. 1-5, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5212/retepe.v.2.002>

SCHMIED-KOWARZIK, W. *Pedagogia dialética: de Aristóteles a Paulo Freire*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SEIDE, M S; VESCOVI, J P; COTTICA, A M. A Base Nacional Comum Curricular e o estudo do léxico nos cursos de Licenciatura em Letras. *Revista GTLex*, Uberlândia, vol. 1, n. 2, p. 237-256, 2016. DOI: <https://doi.org/10.14393/Lex2-v1n2a2016-1>

SILVA, I A. *Figurativização e metamorfose: o mito de Narciso*. São Paulo: UNESP, 1995. 278 p.

SOUZA, V R O G. *Vocabulário erótico-obsceno dos órgãos sexuais masculino e feminino em português e italiano*. 265 f. 2007. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras

e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2007.

WELKER, H A. *Dicionários: uma pequena introdução à Lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004. 287 p.